



# Iniciação gnóstico-cristã com os cátaros





# Iniciação gnóstico-cristã com os cátaros

Rachel Ritman



Rozekruis Pers | Haarlem

# Colofon

## *Edição*

Rozekruis Pers - Haarlem

## *Autor*

Rachel Ritman

## *Design gráfico*

Multimediation - Amsterdam

## *Ilustrações*

Johfra	p. 14, 16, 18, 20, 22, 24, 44, 48, 50, 54
Rachel Ritman	p. 40, 68
Diana Vandenberg	p. 34, 78, 80

## *Impressão*

Rozekruis Pers - Haarlem

ISBN 978-90-6732-417-5

© 2012 Rozekruis Pers - Haarlem

Rozekruis Pers

Bakenessergracht 5

2011 JS Haarlem

(023) 532 38 52

info@rozekruispers.com

www.rozekruispers.com

## *Sobre capa*

Gruta de Belèm

Castelo de Puivert

## *Texto interno de capa*

Índice das ilustrações

## Conteúdo

Introdução	5	Complexo de Belém (3a fase)	49
Vista a partir da Gruta de Belém	13	Pátio de Belém	49
A Montanha Sagrada	15	Casa de retiro	51
Complexo das Églises (1a fase)	15	Entrada da Gruta de Belém	53
Muralha Simbólica e pátio das Églises	17	Planta da Gruta de Belém	55
Planta das Églises	17	Pedra do Altar	55
A Capela	19	Pentáculo	57
Entrada da Capela	21	Desenho esquemático do Pentáculo	59
Complexo da Eremita (2a fase)	23	Símbolo de serpentes de Belém	61
A primeira Eremita	23	Porta Mística	63
Planta da segunda Eremita	25	Jardim das Rosas de Albi	65
Linguagem simbólica	27	Bandeira da Mocidade de Noverosa	67
Selo A. Gadal	29	Monumento ‘Galaad’	67
Selo J. van Rijckenborgh	31	Desenho simbólico ‘Galaad’	69
Selo Catharose de Petri	33	Montségur	71
Cruz do Grão-Mestre do Templo	35	Capela de Montségur	75
Desenho da Cruz do Grão-Mestre	37	Cruz do Graal	77
Cruz dos Cátaros	39	Tableau do Graal Montréal de Sos	79
Proporções da Cruz do Grão-Mestre	41	Puivert	83
Desenho na gruta Acacia	41	Armas de Wolfram von Eschenbach	85
Kepler – Mès-Naut – Ka	45	Pátio interior de Puivert	87
Vista da Gruta de Belém	47		



## Iniciação gnóstico-cristã com os cátaros

Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea fala-se frequentemente sobre a ‘Corrente Universal de Fraternidades’. Este nome indica que, sempre e em toda parte, tem havido uma intervenção divina em prol da humanidade, para esclarecê-la sobre a origem e a destinação de toda a vida. Em todos os tempos e em toda parte, tem havido uma reação à essa intervenção, e têm surgido pessoas que devotaram suas vidas a descobrir e a obedecer a essa destinação.

Assim, surgiram inúmeras pessoas dotadas de uma figura imortal, com uma consciência que ultrapassou toda a dualidade e limitação. Em sua totalidade, elas formam uma corrente ininterrupta, da qual a Escola Espiritual é o mais novo elo. Falamos dos cátaros como a ‘Fraternidade precedente’, porque eles possuíram um centro de iniciação, cujo objetivo era o renascimento da alma original, a Alma de Luz. Vista sob uma perspectiva histórica, tal escola cristã de iniciação é única, porque embora nossa Escola Espiritual tenha raízes no impulso da Rosacruz do início do século dezessete, ela somente se desenvolveu em um verdadeiro corpo de iniciação em nossa época.

Embora os cátaros fossem considerados hereges pela igreja dominante, sua origem pode ser diretamente delimitada a um impulso anterior de puro cristianismo gnóstico. No século II, um certo Montanus da Frígia fundou uma igreja baseada no *Apocalipse*, o *Livro da Revelação*, atribuído a João de Patmos. Esse livro contém as cartas para as sete comunidades ou sete igrejas na Ásia. Esse movimento Joanino denominou a si mesmo a Igreja de Mani e da Gnosis, do Espírito e do Conhecimento (aqui falamos de maneísmo e não de maniqueísmo). É a Igreja do Espírito, a Igreja do Amor, a Igreja do Paracleto. No século IV, o alexandrino Marcus de Mênfis, fundou uma escola de sabedoria que ligava a tradição hermética com este movimento cristão, e que propagou seus ensinamentos até a Espanha. Seu discípulo, Prisciliano de Ávila, os difundiu ainda mais até a Occitania. Ele pregou em toda a antiga Gália, nos Países Baixos e na Alemanha (e foi decapitado em Trier). Foram formadas comunidades religiosas de priscilianos, que se mantiveram durante séculos apesar de perseguição e opressão. Muitos retiraram-se para os Pireneus, onde formaram o solo alimentador para o catarismo pirenaico, então no início, e que teve uma viva interação com outras comunidades da Turquia até a Espanha.

Quando também os cátaros foram confrontados com a perseguição crescente, eles procuraram a ajuda do patriarca de Constantinopla. Este enviou em 1167 seu confidente, Nicetas, como portador do selo das sete igrejas da Ásia. Durante uma visita que durou um ano inteiro, ele dirigiu o catarismo para um desenvolvimento e uma expansão totalmente novos, como um ramo independente da Igreja Joanina do Oriente. Em sua pessoa fluiu o impulso direto de Alexandria, através da Península Ibérica e dos Pireneus, juntamente com o impulso através do Oriente Médio. Este foi o impulso inicial do florescimento do catarismo, que se irradiou extraordinariamente por toda a Occitania, por todos os setores da sociedade.

O processo de iniciação dos cátaros teve lugar nas grutas daquela que foi chamada ‘a Montanha Sagrada’. Esse complexo, que abrange cerca de 52 grutas, abrigou três diferentes fases de iniciação, tal como foram descritos pelo sr. A. Gadal no livro *No Caminho do Santo Graal*. Antes de entrarmos no significado dos diversos espaços e aspectos desse complexo, vamos primeiro examinar as fontes de onde os cátaros, entre outras, extraíram seus conhecimentos, com base em alguns escritos originais que eles tiveram à sua disposição.

De uma pesquisa bem recente, sabemos que os cátaros estavam familiarizados com o *Apokryphon* ou *O Livro Secreto de João*, um texto gnóstico, com *Asklepius*, um texto hermético, e com *O Livro dos 24 Filósofos*, no qual estão registradas 24 definições de Deus, entre as quais a definição atribuída a Hermes Trismegistus:

Deus é uma esfera infinita, cujo centro está em toda a parte  
e cuja circunferência não é limitada em parte alguma.

Além destes, eles conheciam *O Evangelho de Tomé*, com máximas de Jesus e, obviamente, *A Bíblia*, na qual eles primeiramente se basearam no *Evangelho de João*. *O Apocalipse de João* também desempenhou um importante papel.

O que queremos dizer com ‘gnóstico-cristão’? Começemos com o conceito ‘Cristo’. Os judeus cristãos de Jerusalém, os primeiros cristãos, tinham a idéia de que o homem Jesus, por ocasião do batismo no Jordão, foi revestido com o Cristo quando o Espírito Santo desceu sobre ele, ou seja, o mortal foi revestido com o imortal. Como diz o apóstolo Paulo, devemos *morrer* em Cristo para depois podermos nos *elegar* em Cristo. Este morrer não é o morrer no sentido comum, mas no sentido de abandonar a natureza terrena mortal e, ao mesmo tempo, construir um novo corpo eterno. Os cátaros denominavam esse abandonar o velho homem a *endura*. Em 1 Coríntios 15, versículos 44, 46-47, 49 Paulo diz:

Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual.

Se há corpo natural, há também corpo espiritual.

Mas não é primeiro o espiritual, e, sim, o natural;  
depois o espiritual.

O primeiro homem, formado da terra, é terreno;  
o segundo homem é do céu.

E, assim como trouxemos a imagem do que é terreno,  
devemos trazer também a imagem do celestial.

O conceito ‘imagem’ remete-nos ao livro *Gênese*, no qual é contada a história da criação. No sexto e último dia da criação, Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.’ O homem aqui mencionado é o homem nascido da matéria. Ele é apenas uma semelhança segundo a imagem do Deus



eterno. Por outro lado, tanto João como Paulo falam sobre a ‘magnificência’ de Cristo, que é a imagem de Deus. Aqui, a palavra magnificência tem um significado especial. O Deus eterno é frequentemente mencionado como o Senhor. Ele é a Fonte Original, o ser nuclear em todas as coisas. Ele é o centro que está em toda parte, mas é incognoscível para a mente comum, nascida da matéria. A magnificência é a Luz, o Amor e a Animação que dele emanam. É um campo de manifestação resplandecente, radiante, no qual o Ser de Deus pode se manifestar.

No interior desse campo de manifestação, surge uma atividade, um plano ordenado que dá forma à idéia de Deus na criação. A circunferência infinita, da qual Hermes fala, é preenchida com a Idéia divina como um plano de realização. Esse plano é imutável, eterno e perfeito, e dele emana uma força dinâmica denominada a Palavra Criadora, ou o Logos. Cristo é visto como um aspecto do Logos, e às vezes também como o próprio Logos. Eis por que Paulo diz:

Cristo é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas, no céu e sobre a terra.

Segundo alguns gnósticos, este primogênito veio a existência no primeiro dia da criação, quando Deus disse: ‘Haja Luz.’ Em primeiro lugar, isto se relaciona ao campo de manifestação cósmico, mas o mesmo plano também constitui a base do campo *microcômico*, como uma promessa de verdadeira gênese humana. No que se refere ao microcosmo, este ser de luz pode ser denominado o Primeiro Homem, ou o Homem-Luz, ou o Adão do Paraíso, ou o Cristo Interno, mas para cada ser humano, é uma imagem da perfeição, à qual devemos corresponder. Segundo Paulo, o ser humano, em quem o que é material deve ceder lugar ao que é espiritual, deverá ser renovado até o conhecimento pleno, segundo a imagem do seu Criador, porém essa renovação somente é possível através do ‘banho do renascimento’ pelo Espírito Santo. Segundo a Linguagem Sagrada, somente recebendo o Espírito Deus pode ser verdadeiramente conhecido, pois o Espírito vê todas as coisas. Quando, durante o batismo no Jordão, o Espírito Santo desce sobre o homem Jesus, ele é ligado com esta manifestação de Cristo e torna-se Jesus, o Cristo. João também fala da necessidade do renascimento no diálogo entre Jesus e Nicodemos. Jesus diz: ‘Se não renascerdes da água e do Espírito (o que quer dizer, segundo a alma e o Espírito), não poderás entrar no reino de Deus.’

O Ser de Cristo é uma realidade cósmica, ilimitada e universal. Todo ser humano que se prepara da maneira correta pode ligar-se a ela e nela elevar-se. Eis por que este pensamento não só vive no cristianismo original, como também em outras comunidades religiosas e sistemas filosóficos. Essa é a razão pela qual se fala de um ‘impulso crístico’, o qual, no que concerne ao mundo ocidental, atua na cristandade, mas também nos hermetistas, nos gnósticos e movimentos relacionados.

Renovação, até se alcançar o conhecimento pleno, começa no coração, e por isso ela também é denominada o Conhecimento do coração, ou Gnosis. O conceito Gnosis, remete-nos, em primeiro lugar, à Alexandria, que foi a capital do Egito no tempo da ocupação grega. Antes do início da nossa era, já havia surgido em Alexandria a Loja da Gnosis Hermética, da qual os membros gregos, judeus e egípcios podiam participar. Nessa época, cerca de dois milhões de judeus viviam no Egito, dos quais aproximadamente cinquenta mil somente em Alexandria. (Na Judéia, havia cerca de quinhentos mil judeus). Eles estavam familiarizados com a visão de Ezequiel (século V a.C.), na qual ele contempla a magnificência de Deus na figura de um homem. Os pré-cristãos denominavam essa figura *phōs*, que tanto significa ‘luz’ como ‘homem’. Por isso, eles também falavam do Homem-Luz, como um protótipo divino, como o homem original, segundo o qual o Adão celeste foi formado. Os cátaros estavam familiarizados com esta representação. Na Montanha Sagrada há três pequenas grutas, uma situada sobre a outra, das quais a que está situada mais acima é denominada Ka, denominação que no Egito era uma designação para a alma de luz.

Nos primeiros séculos d.C., os hermetistas alexandrinos também tinham uma representação do homem original como protótipo divino. O livro *Pymander* (século I) relata que Deus é luz e vida. Em grego, estas palavras são, respectivamente, masculina e feminina. Assim, Deus gerou o *anthropos* divino como a imagem original do homem celeste. Em um certo momento, o *anthropos* tornou-se consciente do seu reflexo nas águas da natureza inferior, enamorou-se dela e submeteu-se a ela. A natureza inferior inflamou-se em desejo, e assim eles se uniram. É por isso que o ser humano, como o conhecemos, traz em si tanto a imagem da realidade eterna como a imagem da realidade mortal.

Antes de Cristo já existia em Alexandria a seita judaico-esotérica dos *gnostikoi*. Com o advento do cristianismo, seu mundo de pensamento mesclou-se com idéias cristãs. Um dos principais escritos que surgiram neste círculo é o *Apokryphon de João*, um escrito do século II que influenciou o pensar dos maniqueus, dos bogomilos e dos cátaros. Eles introduziram o pensamento de que o nosso mundo tão imperfeito, e o igualmente imperfeito ser humano, não tinham sido criados pelo Deus desconhecido, mas por um malévolo *Demiurgo*, ou deus criador, chamado Ialdabaoth, um outro nome para Jeová. Sua percepção é limitada ao seu próprio raio de ação e de poderes, e ele não é consciente do Deus desconhecido, como a causa primeira. Em sua insensatez, ele proclamou-se o Deus único. Então, um raio de luz surgiu sobre as águas originais, e manifestaram a magnificência de Deus na figura de um homem. Em conformidade com essa figura, denominada *Adamas*, Ialdabaoth moldou o corpo do homem terreno. Embora fosse uma ‘criatura’ vivente, ele não era capaz de andar ereto e contorcia-se na matéria. Mediante um ardil, o Alento da Mãe foi soprado nele, e assim, homem ergueu-se e tornou-se um ser dotado de alma. A Mãe é o aspecto feminino da Divindade, aqui denominada Barbelo, ou Sophia, a Sabedoria divina. O Alento da Mãe expressa-se

no ser humano como uma partícula de luz, indicada como *epinoia*, que significa Compreensão Iluminada, ou seja, Gnosis. É ela que ilumina seu pensamento e ensina-lhe o caminho do soerguimento, quando ele é aprisionado pelos poderes terrenos nas mais baixas regiões da matéria. Chamamos essa partícula de luz centelha-do-Espírito. Os *gnostikoi* viveram não somente no Egito, mas também na Síria e na Ásia, agora denominada Turquia. Na Idade Média, eles chegaram até a Bulgária, onde transmitiram suas idéias aos bogomilos, que lá surgiram por volta do ano 1000. Com eles, também apareceu uma versão do *Apokryphon* que encontrou seu caminho até os cátaros da Itália e do Sul da França. Assim, pode-se estabelecer uma ligação direta entre os cátaros e os ensinamentos dos *gnostikoi*. Valentino, o grande gnóstico de Alexandria, conheceu o *Apokryphon* e adotou a concepção dos *gnostikoi* de que o deus criador não era o mesmo que o Deus desconhecido, que está acima de tudo. Contudo, para ele, Jeová não é o Demiurgo malévolo, mas o chamou ‘obscuridade’, por ele ser inconsciente. Além disso, ele ensinava que o Demiurgo seria a imagem da face vivente de Cristo, portanto, um reflexo, uma semelhança. Isto mostra que Valentino também foi fortemente influenciado pelo Evangelho de João, que era conhecido em Alexandria já nos seus primórdios. Ele associou o conceito de Adamas, o protótipo do homem celeste dos *gnostikoi*, com o Cristo do Evangelho de João. Tanto os antigos cristãos como os cátaros estavam conscientes de que a imagem divina deveria ser vista tanto em sentido universal como em sentido individual. Eles a descreveram sucintamente como ‘o Espírito’, e este deveria ser encontrado acima da cabeça, embora comumente sem estar ligado a ela. O ser humano que, após uma longa preparação, renasceu segundo a alma, é ligado pelo *Consolamentum* (selamento) com esse Espírito, o Cristo interno. Desse encontro e unificação com o Espírito surge a faculdade de percepção interior, o ‘conhecimento pleno’ do qual Paulo fala. João a descreve como o Espírito da Verdade e também como o Consolador, o Paracleto. Segundo João, Jesus prometeu que, após sua partida, enviaria o Consolador, que seus discípulos iriam conhecer, porque Ele estaria com eles e neles.

Um outro importante tema no Evangelho de João é o amor. Esta foi a força impulsionadora por detrás da mensagem dos cátaros: ‘Deus é Amor’. No capítulo 13, versículos 34 e 35, Jesus diz:

Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros;  
assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros.  
Nisto conhecerão todos que vós sois meus discípulos,  
se tiverdes amor uns aos outros.

Assim, o Evangelho de João foi definitivamente o escrito básico dos cátaros. Provavelmente ele teve origem em ou nas proximidades de Edessa, o centro do cristianismo sírio-aramaico, que continuou a existir por séculos ao lado do cristianismo latino e do cristianismo grego. Ele tinha uma linguagem litúrgica sagrada

própria, o aramaico oriental, e concepções próprias (o Espírito Santo como a Mãe). Supõe-se que esse cristianismo aramaico tenha sido cultivado a partir de Jerusalém, e que tenha conservado traços do cristianismo original. Característico disto foi a atitude estritamente ascética, encrática. Deste movimento, destacou-se um certo Marcion, um gnóstico pauliciano. Ele foi um simpatizante de Valentino, mas em lugar da tendência mais hermética deste, ele representou a linha pré-cristã, a linha ascética judaico-cristã. No ano 144, quando foi expulso da igreja romana, juntamente com Valentino, ele fundou uma contra-igreja que se espalhou por todo o mundo conhecido daquela época, particularmente no sudeste da Europa, a qual existiu por séculos. Esse movimento influenciou fortemente os bogomilos. Por volta de 225, o famoso *Hino da Pérola* foi escrito em Edessa. Nesse Hino, o Espírito é denominado a semelhança da alma que permanece no céu quando a alma desce para a terra; é o seu Ser que a encontra quando ela ascende novamente. Também reconhecemos esta idéia no escrito rigorosamente ascético *O Evangelho de Tomé*, também escrito em Edessa, e logo conhecido em Alexandria. Os cátaros conheciam *O Evangelho de Tomé*, e sem dúvida ele influenciou sua concepção, direta ou indiretamente. Também os cátaros que escolheram a rigorosa senda de iniciação rejeitavam o casamento e abstinham-se de comer carne e beber vinho. Também para os cátaros, o Espírito permaneceu no céu quando a alma caiu. A imposição de mãos, quando era concedido o Consolamentum, restaurava a ligação perdida.

A representação do espírito individual como o anjo, o Ser ou a semelhança, um dos mais importantes elementos do cristianismo aramaico, era muito familiar a eles. No *Evangelho de Tomé*, isto é belamente expresso. No *Logion* 84, Jesus diz:

Quando contemplais a vossa semelhança no espelho,  
vos comprazeis.  
Mas quando contemplardes as vossas *semelhanças*,  
que vieram a existência antes de vós,  
que não morrem e que agora ainda não são visíveis,  
quanta alegria tereis!

Para os cátaros, ver esse Outro celeste face a face era o supremo objetivo da iniciação, e estava ligado com a gruta de Belém.

Assim, mediante alguns textos básicos, familiarizamo-nos com alguns conceitos fundamentais. Destacamos a existência de uma natureza superior e de uma natureza inferior, das quais a primeira se originou do Verbo Divino criador, o Logos, e a segunda é a consequência de um impulso do Demiurgo. Também o ser humano apresenta dois aspectos: potencialmente imortal, existencialmente mortal. Na eterna centelha de luz, provinda do Reino da Luz, reside a possibilidade do renascimento e do retorno à origem celestial. O velho homem deve submergir no Novo Homem através

da endura. A coroação do processo de iniciação está no encontro e na unificação com o Espírito individual e, portanto, em submergir no Ser de Deus. O ser humano que assim se libertou põe sua vida a serviço de Cristo e de seus semelhantes, em amor que se auto-sacrifica.



### 1 Vista a partir da Gruta de Belém

O centro de iniciação dos cátaros localizava-se naquela que hoje é chamada a *Montanha Sagrada*, em Ussat-les-Bains, no Sul da França. A primeira figura mostra a magnífica vista do vale do Ariège, para quem olha da *gruta de Belém*. A próxima figura dá uma noção do complexo de grutas que abrigaram três diferentes fases de iniciação dos cátaros, descritas nos livros *No Caminho do Santo Graal* e *O Triunfo da Gnosis Universal*, ambos escritos pelo sr. Antonin Gadal.



2



3



## 2 A Montanha Sagrada

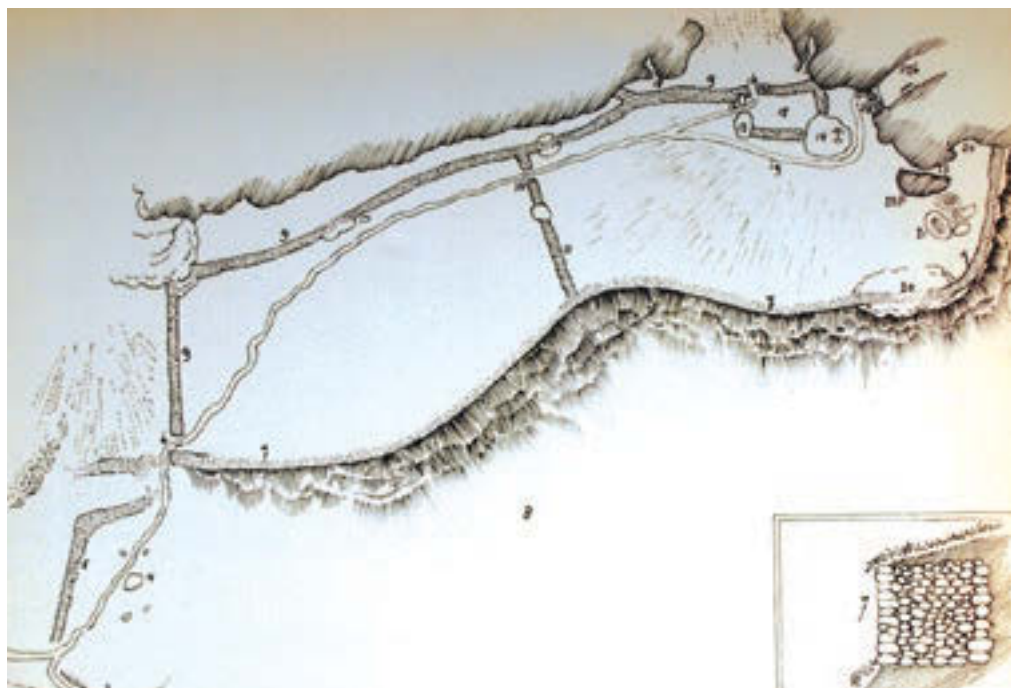
As três fases de iniciação eram designadas pelos cátaros em termos de uma metamorfose: a lagarta – a crisálida – o inseto perfeito. Ou como: formação – reformatão – transformação.

O homem material deve desaparecer, o ômega, o fim. O homem-Espírito tomará seu lugar, o alfa, o novo início. A alma purificada, libertada das imperfeições da matéria, se tornará Alma-Luz. [...] É o que se denominava 'Sahu', o corpo glorificado, a alma que recebeu o selo da sagração e da iluminação.

*(O Triunfo da Gnosis Universal)*

## 3 Complexo das Églises (1a fase)

A primeira fase da iniciação realizava-se no complexo de grutas das *Églises*.



4



5

#### 4 Muralha Simbólica e pátio das Églises

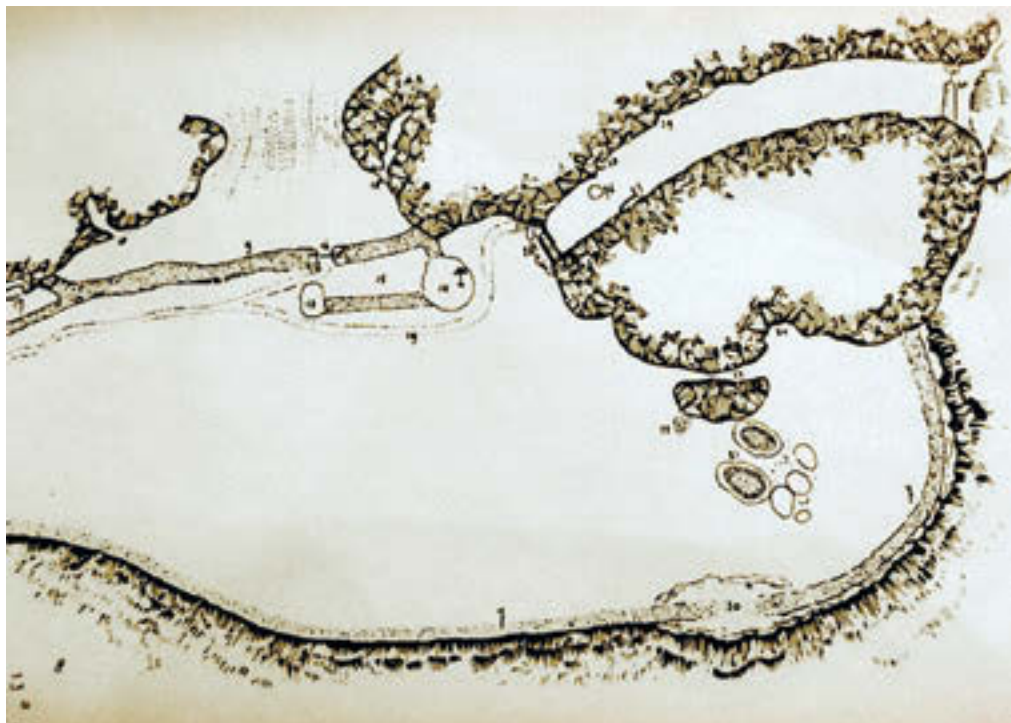
Fora dessa gruta profunda, havia um pátio com duas partes. Era permitido aos visitantes entrar na parte mais externa. A segunda parte era reservada aos residentes. Quando o candidato à iniciação era recebido aqui como noviço, rompia durante o período de sua iniciação o contato com sua família, com seu passado e com tudo que pertencia à sua esfera de vida pessoal. Ele transpunha a assim chamada *Muralha Simbólica*, e só deixava a Montanha Sagrada através da *Porta Mística*, após um período de aproximadamente três ou quatro anos, como um homem completamente novo. Esses dois locais marcavam o ‘Começo e o Fim, o Alfa e o Ômega’ de seu caminho de iniciação.

Pode-se ver o primeiro período, de aproximadamente dois anos, como uma fase preparatória durante a qual a aptidão física e psíquica para o verdadeiro caminho de iniciação deveria mostrar-se. Na Escola Espiritual, falamos de Antecâmara, onde uma pessoa pode desenvolver-se em um verdadeiro preparador do caminho do processo de renascimento, um homem joanino.

#### 5 Planta das Églises

O espaço central da gruta causa uma grande impressão. Os cantos mais afastados perdem-se na escuridão. Abaixo, há uma seção bem plana com pedras grandes que serviam de assentos durante as refeições em comum. Acima, à esquerda do grande declive de cascalhos, que era menos volumoso há setecentos anos, havia incidência de luz proveniente de uma gruta situada mais acima, denominada *Église supérieure*. A partir dela, o Pai-Nosso era proferido nas horas determinadas. Durante esses momentos, todos interrompiam seu trabalho para um momento de contemplação e oração. O texto do Pai-Nosso diferia em um ponto do que é comum: os cátaros não oravam pelo seu pão ‘de cada dia’, mas pelo pão ‘celestial’.

O homem nascido da natureza constrói a consciência por interação com a sua esfera de vida, com o mundo exterior. Mesmo as influências cármicas provindas do ser aural o alcançam *do exterior*. Por isso, a orientação do ser humano é por natureza egocêntrica e geocêntrica. Isso faz com que ele seja fundamentalmente dependente dessas influências, de modo que sua percepção é sempre parcial, muito condicionada e colorida de modo pessoal. Devido ao fato de que o núcleo eterno no coração é uma fonte de nova manifestação-alma e também uma faculdade cognitiva *do interior*, o ser humano não é capaz de julgar apropriadamente as sugestões que dele emanam e de distingui-las de outras influências. Por isso, a fase preparatória tenciona fazer com que o homem se torne consciente da extensão em que ele é determinado pelos laços cármicos e sanguíneos, educação, ambiente e hábitos. Com os cátaros, isso não acontecia como em nossa época, com base no intelecto. A permanência no complexo de grutas das Églises colocava o candidato em uma verdadeira ‘escola de silêncio’. Os dias eram passados trabalhando em quietude, e falava-se apenas o necessário, com refeições silenciosas e com a oração silenciosa do Pai-Nosso. Mediante essa orientação contínua, toda agitação interna era exposta e podia ser neutralizada naturalmente.



A necessidade de colaboração prática para prover diariamente um grupo de pessoas com tudo que era necessário, como comida, vestimentas e cuidados, tinha como resultado que todos aprendiam habilidades práticas. Isto era importante, porque esperava-se de cada cátaró, homem ou mulher, que fosse capaz de se manter. Desse modo, os noviços se preparavam para uma vida independente e desenvolviam o espírito comunitário. O mesmo enfoque era seguido nos convento de mulheres que, devido a laços familiares, não eram restritos, mas abertos a todos. Essas ‘casas’ estavam à disposição devido aos mais afortunados, principalmente os de famílias nobres.

## 6 A Capela

À medida que estado de ânimo se acalmava, a atenção e a orientação do candidato podiam se transferir para os impulsos que estavam surgindo do núcleo eterno. Isso era favorecido pelos encontros que ocorriam na *Capela* aos domingos. A *Capela* era um espaço esplendido, natural, em forma de meia-lua, com um elevado teto abobadado, apenas parcialmente fechado por muros em ambos os lados, permitindo assim luz suficiente. A *Capela* podia ser acessada através do pátio. À direita da entrada, havia um átrio que podia ser acessado através de uma passagem entre a montanha e rochas pontiagudas. Após a segunda saída, que também podia ser acessada de fora, por detrás, encontravam-se as oficinas.